O Mundo em Português Nº21
Junho 2001

Crise Reabre Corrida ao Poder

Fernando Balthazar de Lima

O clima está longe de ser o de instabilidade institucional, mas uma série de insucessos na governação de Thabo Mbeki abriu o debate da sua sucessão. Aquele que deveria ser o líder natural da África do Sul prometeu o "renascimento africano" mas o flagelo da SIDA e uma profunda crise económica não lhe permitiu honrar essa promessa.

As recentes acusações contra adversários do presidente Thabo Mbeki são mais um indicativo das lutas pela sucessão que se avizinham, corolário de um mandato controverso do segundo presidente da nova era democrática sul-africana. As "vítimas" mais recentes da luta pelo poder são Cyril Ramaphosa, Tokyo Sexwale e Mathews Phosa, transformados em homens de negócio de sucesso depois de terem perdido a aura no ANC (Congresso Nacional Africano) a favor de Thabo Mbeki, o presidente eleito desde Junho de 1999.

Sexwale e Phosa eram *premiers* (o equivalente a governador de província) em Gauteng e Mpumalanga. Ramaphosa, líder do movimento cívico sul-americano, era o candidato escolhido por Nelson Mandela à sua própria sucessão. Não menos importante na complexidade dos meandros políticos africanos, os acusados pertencem todos a minorias no mosaico étnico do país.

Mbeki, venceu as oposições internas em 1994, mas a sombra tutelar do líder histórico do ANC e uma série de insucessos na governação, têm vindo a chamar para a ribalta a sugestão de novos candidatos à sucessão, nomeadamente quando se realizar a Conferência Nacional da aliança em Dezembro de 2002.

Mbeki iniciou o seu mandato sob o *motu* de "renascimento africano", mas a crise económica sul-africana e uma complicada agenda em política externa têm ofuscado o mandato do que seria o líder natural da região meridional do continente e uma das incontornáveis referências de África. O desemprego continua em alta, o que afecta sobretudo os mais desfavorecidos, o programa de "black empowerment" recebe críticas do sector empresarial (predominante branco) e das elites negras que era suposto promover. A criminalidade, que faz de Joanesburgo uma das cidades mais violentas do mundo, continua a não regredir, constitui um desincentivo ao investimento externo e poderá a vir afectar as receitas do turismo, um sector que faz do país um dos destinos de preferência mundial. A cotação do ouro marca passo nos mercados internacionais, o *rand*, a moeda sul-africana, já conheceu melhores dias e está gradualmente a ser substituída na região pelo dólar americano como moeda de referência.

SIDA e Zimbabwe

E como se a economia não fosse já dor de cabeça suficiente, duas outras situações têm vindo a tornar-se verdadeiros pesadelos para a administração Mbeki. A visão sobre o combate à pandemia do SIDA e a crise política no Zimbabwe. Num país em que mais de 10 por cento da população está infectada pelo vírus HIV, Mbeki e a sua ministra da Saúde decidiram adoptar uma das teorias marginais sobre a problemática, que vê na pobreza, malnutrição, doenças, em geral nas condições de

vida das populações mais degradadas, as causas para a propagação do SIDA.

No Zimbabwe, a ocupação violenta de terras, os ataques à imprensa independente e à magistratura judicial têm merecido de Mbeki comentários mitigados, quando a comunidade internacional e em particular os países ocidentais mais poderosos, esperavam da África do Sul uma atitude de condenatória. Internamente, e a África do Sul é em muitos aspectos um país de primeiro mundo, a opinião pública tem vergastado literalmente o governo, decorrente das posições sobre o SIDA e o Zimbabwe.

A igreja anglicana considera a inacção sobre o SIDA "tão mau como o *apartheid*". Nelson Mandela, que continua a ser uma figura de tremenda popularidade, veio a público contrariar o seu sucessor dizendo que apoiava a "posição dominante que prevalece no mundo" sobre as causas do SIDA e, sobre Mugabe, foi ainda mais cáustico: "alguém lhe deve dizer que depois de 20 anos no poder é tempo de dar o lugar a outro". O debate sobre o SIDA foi também motivo de distanciamento dos dois parceiros estratégicos na aliança tripartida que constitui o ANC, a COSATU (Congresso dos Sindicatos Sul-africanos) e o SACP (Partido Comunista Sul-africano). Ambas as organizações consideraram "irrefutável" a ligação entre o HIV e o SIDA. Quer a COSATU, quer o SACP se afastaram igualmente da tese do derrube de Mbeki "fabricada" pelo inefável ministro da Segurança, Steve Tshwete.

A caça às bruxas inclui também a imprensa, não obstante os meios electrónicos serem propriedade do Estado e habitualmente conotados com o governo, não obstante uma verdadeira revolução operada nas editorias e quadros redactoriais tentando reflectir a composição étnico-social do país. Para muitos dirigentes do ANC, habituados às imprensas obedientes dos países africanos que conheceram no exílio, os jornais reflectem ainda "a nostalgia do apartheid".

Clivagens do Passado

As divisões vêm de trás e colocam de novo a questão se Mbeki terá sido a melhor opção para suceder a Mandela. Na Conferência Nacional do ANC em 1993, o líder histórico do ANC quis propôr Kader Asmal , um intelectual de ascendência indiana como presidente da organização, mas foi batido sem apelo nem agravo por Mbeki.

Um ano depois, Mandela apoiado por Joe Slovo, o líder histórico dos comunistas sul-africanos, tentou impor Cyril Ramaphosa como vice-presidente do país, posto que lhe daria eventualmente a presidência depois da retirada do velho dirigente. Ramaphosa tinha sido a grande vedeta de todo o debate constitucional em torno da África do Sul pós-apartheid. Mandela foi mais uma vez derrotado na sua perspectiva de impor o conceito de "nação arco-íris" à estrutura de poder, onde existe a percepção que é demasiado dominada por quadros de etnia xhosa.

Politicamente, os sectores de esquerda na aliança que constitui o ANC prefeririam também o sindicalista Ramaphosa ao diplomata Mbeki, mesmo tendo este o carimbo do exílio e da luta armada. Mac Maharaj, Slovo, Chris Hani, os últimos já falecidos, sempre se opuseram às visões moderadas do "africanista" Mbeki que cativaram o Ocidente e, ironicamente no interior do ANC, os populistas radicais como Winnie Mdikizela-Mandela e Peter Mokaba.

Mais do que "socialismo moderado" versus "socialismo real", os debates em torno das grandes opções sul-africanas centram-se em torno de políticas governamentais que implementem uma estratégia de crescimento, emprego e redistribuição ou apenas um programa de reconstrução e desenvolvimento, uma política virada para os trabalhadores ou favorecendo os interesses da emergente classe média negra. Em tempo de crise, no campo de Mbeki há uma clara percepção que os sectores de

esquerda têm ganho força e têm ironicamente Ramaphosa como candidato favorito, empresário bem sucedido hoje, como já antes o era à frente do NUM (Sindicato Nacional dos Mineiros).

A auréola de movimento de libertação associada aos quadros do ANC que vieram do exílio auxiliou igualmente a progressão da estrelinha de Mbeki em detrimento dos líderes dos grupos cívicos das lutas de rua no interior da África do Sul, como é o caso de Cyril Ramaphosa ou Jay Naidoo. E o caso do ANC é similar ao processo operado noutros movimentos de libertação da região que ascenderam ao poder, nomeadamente a FRELIMO, o MPLA, a SWAPO e a ZANU-PF. Em Moçambique a "travessia do deserto" das alas internas nacionalistas passou mesmo por um "processo de reeducação" *soft*, a que foram sujeitos intelectuais como o escritor Albino Magaia ou o pintor Malangatna Valente.

No ANC, mesmo na "ala de Lusaka" se perfilham algumas dificuldades, nomeadamente da parte do vice-presidente Jacob Zuma, antigo chefe da segurança do movimento e visto como representante da zona hiper-sensível que constitui o Kwazulu-Natal.

Dificuldades Diplomáticas

Na frente externa as dificuldades não são menores. Mbeki não tem estado à altura do legado de Mandela, como líder natural da África Austral. A contracorrente das expectativas ocidentais, fortaleceu-se nos últimos anos a aliança Angola-Namíbia-Zimbabwe em detrimento da "facção moderada" África do Sul-Botswana-Moçambique. A diplomacia de Pretória foi claramente ultrapassada nos conflitos dos Congos, tem um papel residual na problemática dos Grandes Lagos, não é interlocutor no conflito interno angolano e tem sido perfeitamente marginalizada na crise do Zimbabwe. Mbeki tem atrás de si a nação poderosa que é a África do Sul mas, entre os seus pares, comporta-se muitas vezes como o quadro de segunda linha do movimento de libertação que era o ANC quando Dos Santos, Mugabe, Chissano e Nujoma já eram presidentes.

A África do Sul e o ANC têm uma vantagem entre muitas que não comuns aos outros países africanos. Seja ou não Mbeki sucessor de si próprio nas próximas batalhas pela liderança, as opções e alternativas são várias e em momento algum se tem colocado o fantasma da instabilidade institucional.
Apesar do ruído enorme que têm sido as mais recentes lutas palacianas, o legado de Mandela continua a prevalecer no debate nacional.